

Comércios lamentam perdas pelas cheias no RS

Diversos negócios foram totalmente atingidos pelas enchentes

Isadora Jacoby e Stéfani Rodrigues
geracaoe@jornaldocomercio.com.br

A cheia histórica do Guaíba e as enchentes que atingiram diversos pontos do Rio Grande do Sul na última semana deixaram um rastro de destruição. De acordo com boletim da Defesa Civil, o número de mortes chega a 100. Empreendedores e empreendedoras de diferentes regiões do Estado tiveram seus negócios devastados.

Adilson Gonçalves, proprietário da Portosilk, loja de produtos para serigrafia que opera na rua São Carlos, nº 977, no bairro Floresta, em Porto Alegre, conta que, apesar da região do 4º Distrito alagar com frequência, o volume de água foi além do projetado.

“Fomos pegos de surpresa. É uma região que alaga, mas não imaginamos que a água chegaria nesse nível. Fizemos uma conten-

ção na porta imaginando que ia entrar um pouco de água na loja, mas não pensamos que ia passar de meio metro de altura como foi nesse caso”, diz o empreendedor, que visitou o ponto no último sábado. “Estava com a água na cintura, mas domingo recebi uma imagem que tinha subido mais. Vou ter que esperar a água baixar para saber o real prejuízo que tivemos”, lamenta.

Os produtos mais comuns da loja são as tintas, que são lacradas, o que faz com que Adilson tenha esperança de recuperar o material, apesar de ser possível ver em imagens os potes boiando na água. “Tem que ver até que ponto não vai influenciar na qualidade do produto. Tinham papéis, máquina, uma estufa, que não tem nem como levantar por causa do peso. Acredito que, por cima, pelo menos uns R\$ 10 mil de prejuízo

já dá para contabilizar”, avalia.

Além da perda de materiais, Adilson projeta que enfrentará prejuízos com clientes, já que muitas empresas do segmento também foram duramente atingidas. “É mais prejuízo, porque dependemos da venda. No Interior do Estado, tem cliente esperando mercadoria, mas não tem o que fazer. É ruim para todo mundo. A maioria dos nossos clientes é da região do Sarandi. Então, teve mais umas três ou quatro empresas que ficaram embaixo d’água”, diz.

Morando na Vila Respeito, conhecida também como Vila Minuano, no bairro Sarandi, Maria de Lourdes Costa, 45 anos, enfrenta dias difíceis após a devastação causada pela enchente. Fora de casa desde 3 de maio, a empreendedora, que veio da Bahia ao Rio Grande do Sul há



Rua da Praia está inundada, com o tradicional comércio local fechado

24 anos, viu seu sonho submergir nas águas. “Faz seis dias que minha mente está em turbilhão. Tenho vivido dias fugindo das águas”, desabafou, lembrando da trajetória que teve início há mais de duas décadas na Avenida dos Gaúchos, nº 1.313.

O negócio, chamado Lua Moda e Vestuário, unia a venda de roupas vindas de fornecedores, revenda de cosméticos e serviço de costureira. “Olhando para trás, o que me resta é apenas a vida e a esperança de recomeçar”, relata.

Hoje, Maria, seu esposo e as duas filhas do casal, de 24 e 15 anos, estão abrigadas em uma igreja no bairro Passo D’areia. Suas duas filhas, conta, são o que motivam a empreendedora a ter força e resiliência. “Tenho duas filhas, uma faz faculdade de Engenharia da Computação na Ufrgs, a outra está no Ensino Médio, estuda no Costa e Silva. Estamos aqui, lutando”, compartilha, mostrando que está disposta a seguir em frente, mesmo diante das adversidades.

Centro de Porto Alegre está entre as regiões mais afetadas pela cheia do Guaíba

Cartão postal da capital gaúcha, o Mercado Público de Porto Alegre está tomado pelas águas. A cena remonta a Enchente de 1941, quando o tradicional ponto de varejo ficou alagado. No entanto, a cheia atual superou os 4,76 m da época, chegando a 5,35 m no domingo.

Anne Gugliotta é uma das sócias da Larguito, hamburgueria que abriu há menos de um mês no Mercado Público. A empreendedora conta que a perda foi expres-

siva. “Nossos equipamentos são praticamente todos os fixos, então esses a gente já dá como perdido, porque a água no Mercado está a 1,60 m”, lamenta. As mesas da operação, que ficam em um deck na parte externa do Mercado, também foram perdidas. “Nem o mais pessimista dos mercadeiros achou que teria a quantidade de água que temos. As mesas são chumbadas e estão embaixo d’água. Não sabemos muito bem o que vamos encontrar quando a água começar

a baixar”, diz Anne, que é casada com Rafael Sartori Gugliotta, terceira geração à frente de Casa de Carnes Santo Ângelo e presidente da presidente da Associação dos Permissionários do Mercado Público. “Aqui em casa, nossa renda é exclusivamente pelo Mercado, tanto por mim quanto pelo meu marido. Vejo de perto esse trabalho dele como um líder, porque nessas horas precisamos unis os esforços em uma mesma direção”, destaca Anne.

Apesar das adversidades, a empreendedora pontua que o momento é de olhar para quem está em situações limítrofes de vulnerabilidade. “Não conseguimos ficar tão chateados e ter dimensão do tamanho da nossa perda, porque tem gente que está perdendo coisas muito mais importantes. Vidas, as próprias casas. Acredito que, com o tempo, a gente vá retomando, resgatando o que a gente tinha. Mas o holofote agora não é nosso. A partir do momento que

todo mundo estiver salvo, a água baixar, vamos poder ver o que temos, o que perdemos e começar um novo plano”, diz Anne, com esperança na recuperação do ponto do Centro Histórico.

“O Mercado já passou por isso e muitas outras coisas e não vai ser agora que não vai dar certo. Acredito que, a partir do momento que o Mercado, reabrir a população vai fazer questão de comprar com a gente para que as coisas melhorem”, afirma.

Óticas criam campanhas para doação de óculos

Pensando nas pessoas atingidas pelas enchentes no Rio Grande do Sul, óticas de Porto Alegre criaram ações de doação de armações de óculos. A Willy, com duas unidades em Porto Alegre, e a Coliseu, rede que opera há 55 anos no Estado, estão com campanhas para doação de armações.

A Willy, que tem unidades no Moinhos de Vento e Cidade Baixa, além de doar peças próprias, está arrecadando armações e contando com apoio de oftalmologistas para consultas. Tiago Camara, um dos sócios da marca, conta que a iniciativa surgiu a partir do contato com médicos e clientes. “Rece-

bemos alguns chamados de pessoas sugerindo, oferecendo ajuda na parte de consultas, e realmente abraçamos”, conta. “Estamos recebendo doação de armações e vamos disponibilizar do nosso estoque também. Inicialmente, cerca de 300 armações e lentes que temos em estoque”, explica.

Agora, Tiago destaca que a busca é por parceria com laboratórios e fabricantes para doação de lentes. “Muitos oftalmologistas já ofereceram ajuda para a parte de consultas”, diz. Pessoas que precisem de armações devem entrar em contato pelos telefones (51) 98926-7973 ou (51) 99753-4975.

“Estamos organizando uma lista. Vamos primeiro fazer as consultas e depois fazer a confecção dos óculos”, pontua. Para o empreendedor, a força dos negócios será importante para a recuperação do Estado. “Acho que é muito importante que todo mundo que tem condições, que não foi muito afetado diretamente, ajude. A classe empresarial vai fazer parte da recuperação do Estado”, afirma.

A unidade do Moinhos da Willy, na Padre Chagas, nº 58, segue em operação para receber as doações. A loja da Cidade Baixa foi fechada na segunda, a partir do alerta para alagamento no bairro.

Iniciativa chega a Caxias do Sul, Novo Hamburgo e Canoas

O diretor geral da joalheria e ótica Coliseu, Rubens Coronho, explica que a iniciativa é a forma de ajudar da “pessoa jurídica”. “A Coliseu é uma rede gaúcha, e sentimos a responsabilidade de retribuir à sociedade todo o apoio que recebemos ao longo dos anos. Vimos que muitas pessoas perderam seus óculos durante as enchentes, o que dificulta sua capacidade de enxergar e de se restabelecer com dignidade”, diz o diretor.

Diante desse cenário, a Coliseu decidiu utilizar sua expertise em ótica para fornecer óculos gra-

tuitamente aos afetados. “Nossa maior contribuição é fazer as pessoas enxergarem imediatamente um futuro melhor e ter esperança. Decidimos agir para proporcionar esse impacto positivo”, acrescenta.

As pessoas interessadas devem enviar um e-mail para atendimento@coliseu.com.br, informando nome, celular, endereço atual (mesmo que temporário, como abrigos), CPF e anexando a receita oftalmológica mais recente. Após o recebimento do pedido, o atendimento será redirecionado para o agendamento de um horário.